



COLEÇÃO
HESPÉRIDES
CULTURA

02

PORTUGAL E(M) NÓS.

Contributos para a compreensão do
relacionamento cultural galego-português

EDIÇÃO DE

Roberto Samartim
Carlos Pazos-Justo

húmus



Universidade do Minho
Centro de Estudos Humanísticos

get #
GRUPO DE ESTUDOS
TERRITORIAIS
G-00062

A **COLEÇÃO HESPÉRIDES** DESTINA-SE
ESSENCIALMENTE À PUBLICAÇÃO DE
MONOGRAFIAS E OUTROS TRABALHOS
CIENTÍFICOS DOS INVESTIGADORES
DO CENTRO DE ESTUDOS HUMANÍSTICOS.

O Centro de Estudos Humanísticos da Universidade do Minho é uma unidade de investigação acreditada pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT), cujos objetivos prioritários são o desenvolvimento e a divulgação de investigação no domínio das Humanidades, em particular nas áreas dos estudos linguísticos, literários, culturais e artísticos.

PORTUGAL E(M) NÓS

Contributos para a compreensão do
relacionamento cultural galego-português

EDIÇÃO DE

Roberto Samartim
Carlos Pazos-Justo

hmnus



Universidade do Minho
Centro de Estudos Humanísticos

get #
GRUPO DE ESTUDOS
TERRITORIAIS
G-000661

CONFLUÊNCIAS E *RUÍDOS*. CONTRIBUTOS PARA O ENTENDIMENTO DAS RELAÇÕES CULTURAIS GALEGO-PORTUGUESAS NA ATUALIDADE

Carlos Pazos-Justo

1. Introdução

189

DE UMA PERSPETIVA GERAL, não parece errado afirmar que o relacionamento, de variada espécie, entre Galiza e Portugal nunca, em séculos, foi tão intenso e diversificado como na atualidade. Vários fatores, alguns com origem exterior ao espaço galego-português, contribuíram significativamente para o alargamento dos domínios de intersecção, apesar de subsistirem, particularmente no âmbito cultural, entraves a contrariar uma certa inércia de confluência ou encontro conjuntural e atual, alimentada, em parte, por ideias de longo percurso.

Apesar dos indícios e dados em direção contrária, no campo de estudos galego tiveram relativo sucesso as análises a sustentar a tese da *assimetria*, segundo a qual se entende o relacionamento galego-português como uma relação promovida por agentes e organizações galegas/galeguistas e escassamente atendida – *desinteresse* – por parte de agentes/organizações portuguesas (*cfr.* exemplarmente Vázquez Cuesta 1995^[1];

CONFLUÊNCIAS E *RUÍDOS*.
CONTRIBUTOS PARA O
ENTENDIMENTO DAS
RELAÇÕES CULTURAIS
GALEGO-PORTUGUESAS NA
ATUALIDADE

Carlos Pazos-Justo

¹ Os termos da tese *assimétrica*, note-se, revelam certa coincidência analítica com os termos/noções frequentemente utilizados para a descrição das relações culturais/literárias hispano-portuguesas na época contemporânea; a *distância*, o *afastamento* ou o *desconhecimento*, por exemplo (*cfr.* Reis 2005, Dias 1996 ou Dasilva 2008).

também Villares 1983, Núñez Seixas 1993 ou Tarrío 2004). Paralelamente, no mesmo campo de estudos, uma outra linha de análise entende haver uma lógica central no relacionamento galego-português alicerçada no entendimento de Portugal (e os repertórios a ele associados) como *referente de reintegração* (Torres Feijó e Samartim 2018: 339-340) para os grupos e agentes centrais do galeguismo desde meados do século XIX (Souto 1986, Marco 1996, Alonso Estraviz 2002 ou Torres Feijó 1999 e 2010). Desta perspetiva, problematizam-se ocasionalmente os défices de variado tipo que os agentes e grupos galegos(/galeguistas) interessados em promover o relacionamento apresentavam e na dificuldade maior que significou (e significa, como veremos) estabelecer relações entre sistemas culturais de natureza díspar (Torres Feijó 2018).

Nas páginas seguintes, dando continuidade a vários trabalhos anteriores (especialmente Pazos-Justo 2011 e 2016), abordarei os rumos do relacionamento cultural em curso entre a Galiza e Portugal problematizando alguns dos elementos que, à luz dos dados à nossa disposição, enformam um estado de coisas poliédrico, dinâmico e, ao tempo, marcado por tomadas de posição alheias ao relacionamento cultural mas determinantes para o mesmo.

2. Linhas de força do relacionamento cultural galego-português

Os alicerces do atual quadro relacional galego-português foram elaborados por galegos e portugueses mormente a partir da segunda metade do século XIX. Paralelamente à *redescoberta* da Galiza por parte de alguns agentes portugueses (Teófilo Braga, Leite de Vasconcelos, Alexandre Herculano ou Oliveira Martins), na Galiza, agentes vinculados ao galeguismo, vão recorrer a Portugal como um elemento central, legitimador das suas tomadas de posição. Eduardo Pondal, Benito Vicetto e especialmente o historiador Manuel Murguía integram, deste modo, Portugal no discurso inaugural do galeguismo (*cf.* Villares 1983: 305; Vázquez Cuesta 1995: 15). Este relacionamento está presidido, em geral, segundo Elias Torres (2010: 163), pelo interesse galeguista na “formulação explícita de autonomia política”.

Junto ao interesse que por volta de 1910 suscita a Galiza em agentes e publicações do Norte de Portugal (em publicações, por exemplo, como

O Regional, A Aurora do Lima ou *Límia*; Torres Feijó 2010), importa ainda ter em consideração o interesse de alguns grupos, os da Renascença Portuguesa particularmente, pelo contacto galego-português de onde se promove, por exemplo, a relação de identidade entre a *saudade* galega e a portuguesa. Lembre-se a este respeito, o aparecimento da produtora galega, central já na altura na *literatura regionalista* galega, Rosalía de Castro e Murguía e da Galiza nas polémicas entre António Sérgio e Pascoaes na revista *A Águia* em 1913 sobre a *saudade* e a orientação da Renascença.

A partir de 1916/1918, a nova fortaleza dos galeguistas das Irmandades da Fala, agora com organizações próprias, vai possibilitar um significativo e progressivo incremento das relações de variado tipo no quadro galego-português até 1936. O interesse explícito de grupos e agentes galeguistas vai, em geral, no sentido de desenvolver a lusofilia das elaborações culturais dos galeguistas da segunda metade do século XIX. Deste modo, a partir de 1916, Portugal vai ocupar um lugar central nas tomadas de posição dos galeguistas e evidencia-se a centralidade que o referente de reintegração (ou de analogia) vai adquirir, não sem debate, no programa cultural e político nacionalista (Beramendi 2007; Villares 2017); e, em consequência, explicam o interesse dos nacionalistas nas numerosas iniciativas que visarão afirmar o contacto galego-português e que, com maior ou menor intensidade, serão atendidas por grupos e agentes portugueses, desde os republicanos até os monárquicos (Ventura 1988). *A narrativa* da relação estará presidida pela *saudade* promovida enquanto elemento repertorial intersistémico comum. Nos numerosos eventos realizados e/ou ideados durante este período (*cfr.* Marco 1996) está inscrita esta direção no entendimento do relacionamento galego-português², o qual também se desenvolve até, *grosso modo*, 1936, em função dos incipientes contactos que se estabelecem entre grupos vinculados às diferentes academias galegas e portuguesas (com protagonismo para o Seminário de Estudos Galegos, fundado

² Com carácter conclusivo, para Elias Torres Feijó (2010: 179; itálicos no original): O quadro relacional destes anos permite elucidar a linha fundamental que o preside desde o galeguismo: a da constituição e consolidação de um intersistema literário galego-português, sendo Portugal nítido referente de reintegração. O galeguismo aparecia, para os setores lusos empenhados no relacionamento, como o principal motor que lhe permitiria a integração cultural perdida e a defesa perante o sempre presente *perigo espanhol*.

em 1923) que iriam cristalizar na Semana Cultural Galega do Porto de 1935, co-organizada pela Universidade do Porto (Soeiro 2016). Após a instauração de regimes autoritários nos dois estados peninsulares, a via académica/científica será a única (e intermitente) possível para os interessados no relacionamento galego-português (Fernández del Riego 2003; Medeiros 2003).

Paralelamente, neste extenso período que vai de meados do século XIX até a implantação do Estado Novo e, por seu turno, a ditadura do General Francisco Franco, estabelecem-se as bases para um novo quadro imagológico na Galiza e Portugal de longo percurso. Sinteticamente: nos dois espaços, face a discursos de representação alicerçados na distância ou mesmo ódio (veja-se para o caso a fraseologia galega e portuguesa sobre o assunto; Grygierzee e Ferro 2009), vinculados estreitamente a fenómenos migratórios, dominantes nas primeiras décadas do período, ganha força uma nova representação do *outro* – galego ou português, segundo a perspectiva –, firmada na afinidade (de língua, alma, raça, paisagem ou passado); em palavras de Ramón Villares (2017: 94), começa a funcionar o “saberse próximo” aos dois lados do rio Minho. Doutro ponto de vista: entre as últimas décadas do século XIX e as primeiras do seguinte, toma forma a *narrativa das afinidades* entre a Galiza e Portugal – *saudade* incluída – que, com maior ou menor sucesso, funciona nas comunidades em causa no âmbito cultural mas não só.

3. O relacionamento cultural galego-português hoje

Se durante os longos períodos autoritários ibéricos o relacionamento Galiza-Portugal ficou quase totalmente impedido em várias das suas dimensões, os processos de democratização, a partir de 1974/1975, abriram um novo tempo marcado pelo progressivo alargamento das possibilidades para a relação em foco. No novo quadro político-institucional espanhol, conhecido comumente por *estado de las autonomías*, foi instaurado um governo autónomo na Galiza a partir de 1981, *Xunta de Galicia*, com amplas competências em matéria cultural e outras; o qual implicou que, por primeira vez na época contemporânea, a Galiza iria contar com capacidade política e institucional real para incidir

decisivamente na sua própria planificação cultural (ou linguística, etc.). Mais à frente, em 1986, a adesão à, na altura, Comunidade Económica Europeia, originou igualmente um conjunto amplo de mudanças significativas para as relações entre os dois estados (e as suas *regiões*) ibéricos; este quadro propício para a inter-relação viria a ser amplificado com a entrada em vigor do Tratado de Maastricht (em 1993), nomeadamente com os processos de *desfronterização* no âmbito da, agora, União Europeia (Lois, Escudero e Gusmão 2019).

Para o caso da Galiza e Portugal, a nova arquitetura institucional de cunho europeu significou o surgimento de uma, digamos, força de confluência institucional inédita na época contemporânea e antes, alheia, em parte, às lógicas relacionais intra-ibéricas. Convém acrescentar, no entanto, que a tal força de confluência esteve e está presidida por interesses de tipo económico, em primeiro lugar; e ter presente a relevância que para vários atores económicos e outros adquiriram as emergentes trocas comerciais. O gráfico 1, mostra bem esta nova e crescente relação económica em que, por exemplo, segundo o relatório da Agência para o Investimento e Comércio Externo de Portugal (AICEP), com dados relativos a 2018, a Galiza era o segundo cliente do Estado Espanhol e a terceira comunidade autónoma fornecedora (AICEP 2019: 11)^[3].

³ O contexto geral, do ponto de vista económico, é de uma cada vez maior interdependência económica entre os dois estados ibéricos em função do importante aumento das trocas comerciais, como revela, por exemplo, o relatório anual *Península Ibérica em números*, elaborado desde 2004 pelo Instituto Nacional de Estadística espanhol e Instituto Nacional de Estatística português. Para o ano 2014, o Estado Espanhol era o principal destino das exportações portuguesas, assim como a primeira origem das importações; à inversa, Portugal situava-se como 3º destino das exportações espanholas e 7ª economia para a importação (https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_publicacaoes&PUBLICACOEstipo=ea&PUBLICACOEcolecao=107868&selTab=tabo&xlang=pt).

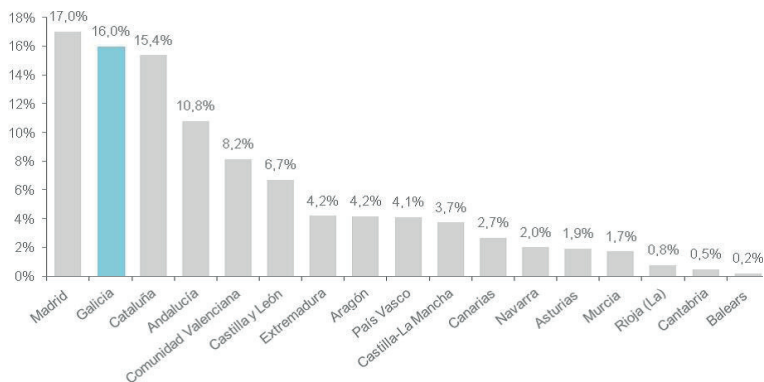


Gráfico 1: Destino das exportações portuguesas no Estado Espanhol em 2018.

Fonte: AICEP (2019: 11).

Paralelamente, nesta direção surgiram, a partir da década de 90 do século passado, diversas organizações *galego-portuguesas*: a Comunidade de Trabalho Galiza/Norte de Portugal (CTGNP; 1991), a partir de 2008 Agrupamento Europeu de Cooperação Territorial Galiza - Norte de Portugal (AECT-GNP); o Eixo Atlântico do Noroeste Peninsular (1992), constituído por 36 cidades; o EURES Transfronteiriço Norte Portugal — Galiza (1998), rede europeia para o mercado de trabalho; com dimensão estritamente local, as Eurocidades (até à data: Valença-Tui, Chaves-Verim e Cerveira-Tominho, a partir de 2012, 2014 e 2018, respetivamente); ou, no plano académico, a constituição do Centro de Estudos Eurorregionais Galiza — Norte de Portugal (CEER; 2004), integrado por 7 universidades galegas e portuguesas^[4]. No seu conjunto, apesar dos matizes necessários, os objetivos declarados destas organizações, cuja origem temporal é posterior à entrada dos dois estados na União Europeia (*vid.* Figura 1) prendem-se com a promoção da coesão em várias dimensões

⁴ Em análise da evolução das fronteiras a nível peninsular Lois, Escudero e Gusmão (2019: 169) destacam: “En la parte septentrional, entre Galicia y la Región Norte de Portugal, la frontera es poco significativa y las afinidades territoriales de la fachada atlántica ibérica se han reforzado en las últimas décadas. Es aquí donde el proceso de des-fronterización ha sido más intenso. En 2015, de los 69.000 vehículos que cruzaron la frontera portuguesa en ambos sentidos, 33.000 lo hicieron a través de los pasos gallegos. Galicia es la comunidad autónoma con más peso en las exportaciones de Portugal a España”.

(dependendo dos casos, com acento no plano económico, social, académico ou cultural). De forma mais significativa para o assunto em foco aqui, parece possível entender, em regra, o desenvolvimento destas organizações e as suas sucessivas tomadas de posição como ancoradas ou legitimadas discursivamente, em parte, na narrativa das afinidades antes referida.

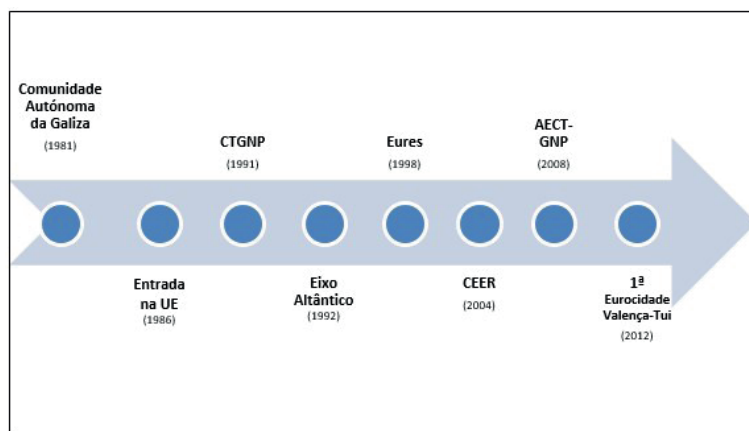


Figura 1: Instituições principais no quadro relacional galego-português (1981-2012).

Fonte: Elaboração própria.

As implicações deste novo quadro em curso, dependendo do olhar, podem ser de muito variada espécie. No plano cultural, especificamente nas relações intersistémicas Galiza-Portugal, parece haver um consenso à hora de identificar um escasso caminho percorrido, se comparado com o vertiginoso desenvolvimento da interdependência económica. Para o historiador Ramón Villares (2017: 115), com ênfase nos efeitos das lógicas de fronteira, existem “muros simbólicos” a travar o relacionamento:

ficam aínda muros sen derrubar [...] Reconstruír un novo código cultural e simbólico que teña correspondencia coa supresión das fronteiras e coa tradición de *continuum territorial* que caracteriza as dúas rexións miñotas será una [sic.] tarefa nada doada dos vindeiros anos. Porque os muros

que hai que derrubar non son os físicos, senón os simbólicos e culturais, lograr ese obxectivo esixe aínda maior esforzo.

Em seguimento do anterior, considero cabe problematizar dois elementos centrais quanto às ideias, imagens e ações na/da relação cultural galego-portuguesa na atualidade: por um lado, a instabilidade na fixação dos termos do relacionamento e, com maior relevância aqui, o *ruído* que o preside.

3.1. Galiza-Portugal vs. Galiza-Norte de Portugal

Historicamente, para os agentes e grupos interessados, as formulações do relacionamento cultural foram colocadas, com os matizes necessários, entre Portugal e a Galiza (Torres Feijó 1999), dois espaços geoculturais com um conjunto de elementos em comum. Apesar de o Norte de Portugal ter tido sempre certa proeminência nos discursos de galegos e portugueses acerca das afinidades com a Galiza, as tomadas de posição que a partir da segunda metade do século XIX (porventura antes) se debruçaram sobre o assunto traçaram um imaginário a convocar a Galiza e Portugal (também amiúde o Brasil e outros países). Face a isto, na atualidade, vai ganhando força uma outra formulação que poderíamos denominar de eurorregional: Galiza e uma parte de Portugal, o Norte.

A emergência do *espaço comum* eurorregional, frente ao conformato por Galiza-Portugal, não pode ser analisada sem ter presente o que antes referia como a força de confluência institucional de origem exterior. Para além da questão da proximidade geográfica, sempre questionável quanto às ideias e imagens entre comunidades, a progressiva institucionalização da eurorregião Galiza-Norte de Portugal, parece ser determinante. A intensidade e natureza das relações entre o Norte de Portugal e a Galiza têm-se incrementado notavelmente, nomeadamente no âmbito institucional e económico mas também no cultural, e alcançam, a cada passo, maior visibilidade no espaço social. O próprio conhecimento das instituições eurorregionais da população em geral parece ter aumentado significativamente (Fernández e Vázquez 2011). Por sua vez, nem no espaço social galego têm lugar, em geral, eventos

ou notícias, por exemplo, a convocar outras regiões portuguesas, nem nestas a visibilidade da Galiza é significativa se confrontada com o que acontece no Norte (Sousa 2000).

A formulação eurorregional também parece ter discursivamente alicerces identitários, fundamentados na acentuação das eventuais afinidades dos territórios à beira do Minho, em ocasiões com referência ao património histórico comum que pode significar a antiga província romana, Gallaecia, depois um dos primeiros reinos medievais do ocidente europeu (o Suevo); o entendimento do Norte português como um *espaco matricial* da nacionalidade lusitana (Villares 2017) reforça a viabilidade desta formulação se se aplicar à Galiza igual estatuto. Assim elaborado, o *espaco comum* eurorregional implica menos entraves político-administrativos (*cf. infra*) ao se estabelecer em base a duas *regiões* de dois estados.

A modo de exemplo: para além dos eventos socioculturais periodicamente promovidos pelo Eixo Atlântico do Noroeste Peninsular, a lógica eurorregional está por trás do *Prémio Literário Nortear Jovens Escritores / Mocidade Escritora - Norte de Portugal — Galiza* promovido pela portuguesa Direção Regional de Cultura do Norte e a galega Consellería de Cultura, Educación e Ordenación Universitaria da *Xunta de Galicia* e mais o Agrupamento Europeu de Cooperação Territorial Galiza — Norte de Portugal^[5].

⁵ É exemplar, nesta direção, o Programa IACOBUS (atualmente na 6ª edição), surgido no seio do Agrupamento Europeu de Cooperação Territorial Galiza-Norte de Portugal, cujo objetivo passa por incrementar a cooperação entre as universidades galegas e as do Norte de Portugal, e apenas entre estas (*cf. Lois, Escudero e Gusmão 2019: 172*). Com carácter exemplificativo, anoto igualmente as organizações identificadas pela responsável do Centro Cultural Português de Vigo, Carla Sofia Amado, à pergunta (via correio electrónico) relativamente a quais seriam as instituições e organizações culturais mais envolvidas no relacionamento galego-português:

Dos âmbitos cultural, académico e linguístico [...] devo destacar a Direção Regional de Cultura do Norte; a Bienal de Cerveira; a Escola Superior Gallaecia; as Universidades do Minho e do Porto; TEIA - Teatro em Iniciativa Associativa - Rede Informal de Grupos de Teatro Amador do Teatro do Noroeste - de Viana do Castelo; festival CINANIMA - Animação Espinho; DOLMEN - Cooperativa de Formação, Educação e Desenvolvimento do Baixo Tâmega; C.R.L. - Associação de Desenvolvimento Local e Regional; Município de Valdevez; etc.

3.2. O ruído

Resgato e (no melhor dos casos) desenvolvo aqui uma noção utilizada pelo Professor Elías Torres Feijó (2018): o *ruído*^[6] no/do relacionamento atual entre a Galiza e Portugal. Entendido como falhas na comunicação entre as duas comunidades ou, por outras palavras, um conjunto de obstáculos a travar a fluidez da inter-relação ou mesmo a impedi-la, que tem, no mínimo, uma dupla dimensão: uma político-institucional e uma outra de natureza identitária.

3.2.1. O ruído institucional

O elemento mais sobressaliente político-institucional prende-se com a falta de agentes políticos ou institucionais homólogos no quadro peninsular^[7]. A Galiza, o Norte de Portugal e Portugal estão na atualidade configurados política e administrativamente de forma dispar. Enquanto a Galiza, como já foi referido, usufrui de certa autonomia política (no sistema educativo, de saúde ou cultural), nem o Norte de Portugal tem

Como se pode verificar, as organizações citadas, sem exceção, remetem para o Norte de Portugal.

Agradeço aqui à Prof^a. Carla Sofia Amado (Leitora da Universidade Santiago de Compostela e Responsável do Centro Cultural Português em Vigo pelo Camões, Instituto da Cooperação e da Língua, I.P.) as amáveis respostas (via correio eletrónico, a 19/11/2018).

⁶ Na sua literariedade:

Podem naturalmente objetivar-se algumas semelhanças galego-portuguesas. São certas, por exemplo, as similitudes geomorfológicas, de paisagem ou de alguns modos construtivos entre áreas da Galiza e Portugal. Mas se formos para constituições sócio-históricas, culturais, imaginário, pautas de conduta quotidiana, composição facial da população ou língua, o afastamento e, sobretudo, o *ruído* (como gerador de ruído na perceção do Outro), são extraordinários (Torres Feijó 2018: 260-261; itálico meu).

⁷ “se confrontan dos realidades distintas, una, la española, con una elevada autonomía de las distintas comunidades, y la otra, la portuguesa, donde después del rechazo del referéndum de 1998 el proyecto de regionalización pasa por un largo período de «hibernación». En este contexto, se presentan dificultades prácticas en las relaciones transfronterizas entre las administraciones. Las comunidades autónomas españolas dialogan con regiones portuguesas sin apenas competencias y capacidad de decisión. La administración central portuguesa se encuentra con que su homónima española se presenta descentralizada” (Lois, Escudo e Gusmão 2019: 179).

uma configuração análoga, nem o Estado português pode facilmente ter como interlocutor um governo *regional* do Estado vizinho. “No que concerne à cooperação transfronteiriça do Eixo Atlântico, Xoán Mao [Secretário-Geral do Eixo Atlântico do Noroeste Peninsular] denuncia a falta de uma liderança política forte no Norte de Portugal”, recolhia o jornal bracarense *Correio do Minho* (a 12-11-2018, p. 5). Este e outros discursos de similar teor evidenciam como a diferente configuração político-administrativa das duas comunidades obstaculiza (até em questões protocolares) o relacionamento, sobretudo se atendermos às diferentes lógicas e objetivos a funcionar em instituições essencialmente diversas. O impacto é menor no Eixo Atlântico uma vez que está integrado por cidades e vilas com lógicas não divergentes, apesar de as autarquias galegas e portuguesas terem capacidades e funcionalidades bem distintas (maiores, dito sinteticamente, do lado português). É maior, no entanto, no caso das declaradas aspirações galegas de integrar a Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP)^[8] que teriam de contar, entre outras, com a aprovação do Estado espanhol para serem viáveis.

No plano político-institucional cabe ainda referir sinteticamente o que poderíamos denominar de *resistência sistémica* das instituições políticas e culturais centrais na Galiza quanto à relação cultural com Portugal^[9]: apesar de a aproximação a Portugal, culturalmente mas não apenas, ter sido uma das ideias fortes das elaborações galeguistas precedentes (e com certa penetração social), a agenda política e cultural destas instituições, a partir de inícios da década de 80 do século

⁸ Por exemplo: “O Parlamento insta a Xunta a adoptar as medidas que sexan necesarias, antes de finalizar a presente lexislatura, para impulsar a solicitude de admisión de Galicia como membro na Comunidade dos Países de Língua Portuguesa”. Decisão aprovada no Parlamento galego a 9 de outubro de 2018 (<http://www.parlamentodegalicia.es/Actualidade/2749/resoluciones-aprobadas-no-debate-anual-de-politica-xeral/>).

⁹ Tomo e aplico aqui o conceito proposto por Roberto Samartim (2017: 54): “propomos este conceito de *resistência sistémica* para identificar as tomadas de posição e as estratégias político-culturais que atribuem ao conjunto dos elementos que participam num sistema periférico em processo de autonomização [...] umha função eminentemente defensiva a respeito do sistema que funciona como referente de oposição. De acordo com isto, estes grupos atuam em virtude dumha lógica heterónoma que fai depender o seu programa (regras, materiais, ações, posições...) do contraste e da distinção como o referente de oposição”.

passado, não privilegiou de maneira sistemática e planificada o contacto português^[10]. A comparação entre o número de alunos de português no ensino formal na Galiza e na região autónoma de Extremadura é um dos dados frequentemente lançado para espelhar o passivo derivado da mencionada *resistência sistémica*^[11]; ao qual poderíamos somar a relativamente exígua e pouco operativa rede de Centros de Estudos Galegos a funcionar nas universidades portuguesas (Universidade do Minho, Nova de Lisboa e do Algarve), face ao importante percurso dos estudos portugueses no sistema universitário galego, com origem na constituição, no seio da Universidade de Santiago de Compostela, do Instituto de Estudos Portugueses, iniciativa também do Estado português na década de 30 do século passado (Torres Feijó 2009; *cfr.* Baltrusch 2009 e Salinas Portugal 2009). Note-se, contudo, que a presença institucional/ cultural portuguesa mais significativa na Galiza está circunscrita à cidade de Vigo – onde há mais de 20 anos funciona o Centro Cultural Português em Vigo gerido pelo Instituto Camões^[12] –,

¹⁰ No que diz respeito ao campo de estudos galegos, R. Samartim (2012: 198 e 200) situa no período após 1978 “mudanças na linha central do discurso crítico galego” cujo resultado mais expressivo é o “abandono da referencialidade portuguesa” para agentes e grupos centrais, em todo o período, no campo cultural (e académico) galego.

¹¹ Para uma aproximação aos números: “*Xunta de Extremadura*, o número de 18.000 estudantes de português para o ano académico 2008-2009. Números surpreendentes numa população envelhecida de 1.000.000 de habitantes, quando contrastados com os perto de [em 2012] 620 alunos que estudam português em ESO (Ensino Secundário Obrigatório) e Bacharelato na Galiza, com uma população de 2.300.000 habitantes, segundo a *Consellería de Educación da Xunta de Galicia*” (Fernández Carballido 2013: 270).

¹² As atividades do Centro Cultural Português em Vigo só nos últimos anos (*cfr. infra*) começaram progressivamente a funcionar com uma lógica para além do local; segundo a responsável da organização, Carla Sofia Amado:

Na minha opinião, o Camões – Centro Cultural Português em Vigo (CCP-Vigo), a funcionar há precisamente 20 anos, tem desempenhado um papel importante, mas com margem para se desenvolver. Fazem falta (ainda) mais sinergias com os vários agentes de cultura, académicos e educativos, para que o conhecimento sobre Portugal e os portugueses chegue a todos os cantos da Galiza [...] Nos seus três eixos de ação: cultura, formação de professores e ensino de língua, o CCP-Vigo tem conseguido já alargar a oferta das suas atividades culturais e formativas para fora do que é a área de influência de Vigo – (i) já organizamos várias atividades culturais por ano em Santiago de Compostela e, pontualmente, já levamos algumas a zonas mais interiores como Ourense e Lugo (em 2018 já foram 16 as atividades culturais fora de Vigo); (ii) já oferecemos formação de professores fora

provavelmente devido, entre outros fatores, à importância histórica da cidade do sul da Galiza em termos consulares.

Em termos gerais, porém, é apreciável uma viragem nos discursos e objetivos de diversos atores a partir de meados da presente década, nomeadamente após a promulgação em 2014 no Parlamento galego da Lei Valentín Paz Andrade (*LEI 1/2014, do 24 de marzo, para o aproveitamento da lingua portuguesa e vínculos coa lusofonia*) (Lourido 2019)^[13], fruto de uma Iniciativa Legislativa Popular promovida por, dito sinteticamente, grupos interessados no contacto português na sua maioria filiados ao reintegracionismo linguístico(-cultural) galego. Notem-se ao respeito os significativos passos de grupos e instituições reintegracionistas, durante a última década, de forma a superarem as lógicas de atuação anti-institucionais e recorrerem a tomadas de posição na procura do “entendimento com setores mais centrais da cultura galega, bem como de participação e de benefício mútuo em relação às instituições públicas” (Lourido 2019: 209).

A partir desta data, 2014, são vários os exemplos de eventos culturais com vocação *galego-portuguesa* e com apoio institucional galego e português (*cf.* Figura 2): o já referido Prémio Literário Nortear (primeira edição em 2015), as Convergências Portugal-Galiza (também desde 2015) ou Arri[t]mar. Prémios Música e Poesia Galego-Portuguesa (a partir de 2016), iniciativa da Escola Oficial de Idiomas de Santiago de Compostela. Paralelamente, em 2016 o Consello da Cultura Galega foi admitido no seio da CPLP em qualidade de observador consultivo (também, um ano depois, a Academia Galega da Língua Portuguesa) e, noutra âmbito, a Rádio e Televisão de Portugal (RTP) e a Corporación Radio e Televisión de Galicia (CRTVG) encetaram uma nova fase de colaboração a partir de 2016 que teve como resultado mais significativo a coprodução de ficção

de Vigo – em Santiago de Compostela (2017 e 2018) e na Corunha (2019). Mas, conforme disse acima, o CCP-Vigo tem de se aproximar de mais entidades e integrar o trabalho cultural em rede na Galiza.

¹³ A lei, apesar de invocar vários objetivos (culturais, económicos ou sociais), está centrada na promoção do português enquanto *língua estrangeira* no sistema educativo galego: “Artigo 2. O Governo galego incorporará progresivamente a aprendizaxe da lingua portuguesa no âmbito das competencias en linguas estranxeiras nos centros de ensino da Comunidade Autónoma de Galicia” (https://www.xunta.gal/dog/Publicados/2014/20140408/AnuncioC3Bo-310314-0001_gl.html).

Vidago Palace (experiência esta, diga-se de passagem, com resultados problemáticos do ponto de vista do quadro relacional; *cf.* Moreda 2018). Mais recentemente (em 2019), foi fundada a rede Galilusofonia “com os objetivos de juntar esforços, coordenar-se e cooperar na difusão de iniciativas encaminhadas a fomentar a nossa língua e cultura comuns no seu espaço natural, a Lusofonia, com grande potencial noutros campos como o económico e o institucional” (<http://galilusofonia.nos.gl/>).

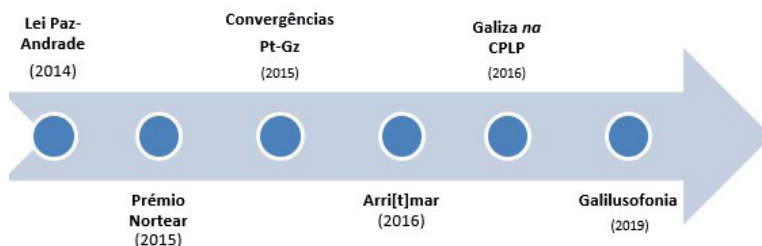


Figura 2: Eventos (político-)culturais principais no quadro relacional galego-português (2014-2019).

Fonte: Elaboração própria.

3.2.2. O ruído identitário

Com maior impacto no relacionamento, o *ruído* também se manifesta em uma dimensão identitária, configurando-se muito provavelmente como o maior *muro simbólico*, nos termos de Ramón Villares, para a fluidez da inter-relação ou mesmo para o simples estabelecimento do contacto:

em Portugal, o simples admitir de afinidades linguísticas com a Galiza equivale, ainda hoje, a desafiar a concepção de país *independente*. É um facto: para um português, língua e independência são, e continuam, conceitos indissociáveis. Posto um em causa, correm perigo os dois (Venâncio 2015: 90; *itálico no original*).

A citação ilustra o entrave não menor que implica (ainda) a narrativa nacional portuguesa da uniformidade e coesão socialmente partilhada – “espaço histórico cultural sem diferenças”, em palavras de Eduardo Lourenço (1994: 82; *cfr.* Villares 2017: 106) – porquanto promove um entendimento do *outro* em função do paradigma político-identitário do *nós* em que a Galiza, entendida em função da narrativa das afinidades antes invocada, dificilmente poderá ter existência real, funcional no espaço social português^[14]. Nesta direção, quanto ao imaginário português, a Galiza e os galegos tendem à invisibilidade no meio de um *todo espanhol*, em sintonia com a tendência para fazer do elemento espanhol o mediador privilegiado do contexto peninsular a olhos portugueses (Lourido 2019). Esta tendência para a impossibilidade de estabelecer o contacto é reforçada, por exemplo, através das organizações espanholas a operar em território português ou por meio da rápida e ampla introdução do espanhol enquanto língua(/cultura) estrangeira no ensino obrigatório (*cfr.* Pazos-Justo 2014).

Por outro lado, a narrativa das afinidades, que julgo de alguma vitalidade social tanto na Galiza como em Portugal (aqui mormente na zona setentrional), apresenta défices de elaboração e funcionais não menores: quais os elementos entendidos/imaginados como comuns? (a saudade? a língua? os modos de ser e estar?); qual a sua hierarquia repertorial? Muito provavelmente, cabe interpretar a língua como um dos elementos mais frequentemente invocado enquanto elemento comum o qual, em função da trajetória (sócio)linguística galega^[15] e o processo em curso de “progressiva regionalização da cultura galega no polissistema espanhol” (Torres 1999a: 296) o *ruído* daí resultante

¹⁴ A seguinte citação, igualmente de Fernando Venâncio (2007), espelha modelarmente esta ideia:

projectamos sobre a Espanha o que nós próprios julgamos ser, desde tempos imemoriais: um estado, um país, um povo, uma língua, uma nação. Custa-nos perceber que aqui ao lado se foi formando um conglomerado de nações, de idiomas. Somos sensíveis ao «glamour» da monarquia vizinha (cujos namoros e partos as nossas revistas do coração seguem fascinadas) e o «Reino de España» acabou por ser-nos natural e óbvio, mais que a alguns dos seus súbditos.

¹⁵ A língua da Galiza, ademais de um complexo processo de substituição linguística (Monteagudo 2011), enfrenta um debate, ora aceso, ora latente, acerca da sua posição enquanto *bem* e *ferramenta* central para a coesão identitária no espaço social galego (Torres Feijó 2013).

é maiúsculo. Por outras palavras, a progressiva e crescente castelhanização linguística (em sentido mais abrangente, cultural) da Galiza dificilmente pode propiciar que uma pessoa falante nativa de português de Portugal reconheça nos falares galegos um elemento abertamente comum, de proximidade; e sim algo que remete para um outro estádio linguístico/cultural remoto ou, diretamente, para o sistema linguístico/cultural espanhol (*cfr.* Neves 2019).

A narrativa das afinidades, por seu turno, partilha espaço com, no mínimo, duas outras narrativas, digamos, *nacionais* (para o caso galego, o assunto é bem mais complexo de como exposto aqui), com repertórios bem distantes em algum dos seus elementos constitutivos; e cuja coexistência é complexa e reforçada, no seu afastamento, por um longínquo desconhecimento do *outro*. Como indicou António Medeiros (2003: 336), na atual Galiza há uma “disposição para o apreço do que é português marcada [no entanto] por desfazamentos face aos lugares-comuns e às valorações que hoje são observadas quotidianamente na sociedade portuguesa”. A crença na proximidade cultural galego-portuguesa impulsiona a tendência para pressupor repertórios semelhantes na cultura do *outro* mas que na sua configuração podem não sê-lo e até divergir em algumas dimensões.

A modo de exemplo: tendo presente a capacidade geradora de repertórios identitários que a literatura teve (tem, em menor medida hoje; Torres Feijó 2012), cabe identificar o *ruído* provocado pela centralidade que elementos como *rural/camponês* ou a *emigração* têm no repertório cultural galego em função das leituras dominantes da escritora Rosalía de Castro; face a, e exemplifico com o eventual *homólogo* literário português, elementos alicerçados na narrativa camoniana: os *descobridores*, o povo *aventureiro* que vai *ainda além da Taprobana*¹⁶. O alcance desta não coincidência de elementos, e os valores associados, nas narrativas em causa, alastra com certeza a outros âmbitos além do literário: no plano musical, por exemplo, a centralidade da música folk, das *raízes*, na Galiza, enquanto em Portugal a posição do popular entende-se em geral na sua dimensão regional, sempre em

¹⁶ Quiçá seja possível introduzir aqui um matiz acerca das narrativas a funcionar no norte português, excêntrico e de ainda reivindicada folcloricamente matriz rural (as festas da vendima, os magustos, etc.).

pacífica e subordinada coexistência com os repertórios musicais ditos cultos; para o caso são significativos os valores e ideias associados à gaita-de-foles, instrumento *nacional* na Galiza, secundário e regional em Portugal¹⁷. A ativação de narrativas *nacionais*, repertorialmente diferentes ou até divergentes, produz um *ruído* no contacto (cultural) de amplas dimensões, chegando a por em causa a funcionalidade e viabilidade da narrativa intersistêmica das afinidades.

4. Síntese conclusiva

A natureza exploratória deste trabalho assim como a vastidão do objeto de estudo limitam amplamente, com certeza, a possibilidade de avançar umas conclusões sólidas. Em todo o caso, o quadro relacional galego-português pode ser entendido hoje, proponho, como submetido a várias forças de natureza diversa (quanto aos agentes, objetivos, repertórios, etc.). Como tentei mostrar, as novas lógicas institucionais derivadas do autogoverno galego e das políticas europeias, contribuíram para criar vias de confluência político-institucional inéditas na época contemporânea, com inquestionáveis impactes quantitativos no âmbito económico e menores no relacionamento cultural. Em consequência deste impulso, sobretudo o de origem europeia de *desfronterização*, os termos do relacionamento estão a virar para a dupla Galiza-Norte de Portugal (ou vice-versa), frente ao antes relativamente consolidado Galiza-Portugal (ou Portugal-Galiza). Os efeitos desta nova lógica euror-regional podem ser muitos e muito variados: poderiam, por exemplo, problematizar (mais) as aspirações galegas em âmbitos como a CPLP se se suster a existência de um *espaço comum* Galiza-Norte de Portugal e não Galiza-Portugal(-Brasil, etc.), questionando assim um rumo da dúbia planificação cultural (e não só) galega que parece tomar forma;

¹⁷ Uma experiência singular, porquanto inédita até onde tenho conhecimento, é o caso das Convergências Portugal-Galiza promovidas pelo grupo musical Canto d'Aqui (Braga): estruturadas explicitamente a partir de um diálogo literário-musical entre Rosalía de Castro e José Afonso (com concertos, recitais ou colóquios), alicerça-se repertorialmente na natureza reivindicativa ou lutadora de que seriam expressão produtores e produções culturais (na defesa da cultura e da língua, no caso de Rosalía; na defesa de um programa de esquerdas com origem nas lutas contra o Estado Novo, no caso do Zeca).

poderiam igualmente significar, cabe hipotetizar, uma reorientação repertorial da narrativa das afinidades ampliando a sua funcionalidade ou articulação com o *real* (as paisagens galegas e minhotas guardam mais relação de continuidade do que as primeiras e as alentejanas).

Por outro lado, e apesar da relativa funcionalidade social das ideias e/ou crenças da narrativa das afinidades fixadas a cavalo entre os séculos XIX e XX, há outras forças a problematizar o relacionamento: as arquiteturas político-institucionais, em regra, não homologáveis, a complexidade cultural/identitária da Galiza ou a não coincidência, divergência segundo os casos, das narrativas *nacionais* são fatores que contribuem para falhas na comunicação intersistémica, para o *ruído*. Há aqui uma questão de fundo que se relaciona (não exclusivamente) com o facto de o contacto se estabelecer entre sistemas culturais(/políticos, etc.) de diferente natureza: enquanto da parte galega estamos perante um sistema cultural com défices e instabilidades repertoriais e normativas (*vid.* Torres Feijó 2004), o sistema cultural português funciona como um sistema consolidado; neste sentido, não é possível esquecer a dissemelhante *utilidade* que o contacto pode significar para ambas as comunidades: maior em várias dimensões sempre, em função dos défices apontados, para a Galiza. A origem última do *ruído* relacional, poderíamos dizer, reside na estrutura e elaboração desigual dos sistemas em contacto.

Uma outra força, neste caso a travar (ou ralentizar) o relacionamento, tem sido a citada *resistência sistémica* das instituições políticas e culturais (e agentes) centrais na Galiza – detentoras de quantiosos recursos e capacidades várias – que, em parte, parece caminhar para uma certa resiliência (também em função, dito simplificada e agora, dos ganhos que o mundo português pode oferecer). Como se verificou em épocas anteriores (Villares 1983; Núñez Seixas 1993; ou Torres Feijó 2010), quando na Galiza os agentes e grupos interessados no contacto português conquistam posições dominantes e alcançam maior fortaleza e coesão organizativas, o relacionamento ganha qualitativa e quantitativamente. A incerta viragem das instituições em causa (*Xunta de Galicia* e Consello da Cultura Galega, nomeadamente) quanto a Portugal, já teve resultados significativos, do ponto de vista quantitativo, em uma série de eventos ou ações inscritos no quadro relacional galego-português. Nesta direção, são significativas

as tomadas de posição de organizações centrais na Galiza autonómica (Real Academia Galega [RAG] ou Consello da Cultura Galega [CCG]) quanto à sua relação com o mundo lusófono. Se, como foi apontado, em 2016 o CCG foi admitido enquanto observador na CPLP, a RAG tem dado passos também para estabelecer contactos, com o Instituto Camões ou a Academia Brasileira das Letras, por exemplo. Significativo é, igualmente, a ampla atenção que o *Jornal de Letras, Artes e Ideias* (a 17/07/2019) dedicou à Galiza sob a manchete “Galiza, aqui tão perto do coração” e em que agentes vinculados, na sua maioria, a organizações centrais do sistema cultural galego tiveram ocasião de promover uma determinada ideia da Galiza culturalmente ancorada em uma alegada suficiência sistémica e no entendimento do mundo português como, preferentemente, uma janela para o mundo (exportação *vs.* importação) inviável noutras direções.

No momento atual, poderíamos identificar ainda uma outra via emergente com eventuais valências relacionais, os caminhos de Santiago. As organizações gestoras na Galiza parecem apontar cada vez mais para os caminhos portugueses como meio para continuar a desenvolver o fenómeno na sua dimensão turística(/cultural) e, determinantemente, de forma a desativar a tendência para a massificação do caminho Francês (Pazos-Justo, del Río e Samartim 2018; *cfr.* Martín Duque e Morère-Molinero 2019).

Concluindo, o estado das relações galego-portuguesas, no momento atual, pode ser perspetivado como um processo em curso com diferentes dimensões e velocidades. Se no plano económico – ou das mobilidades laborais e turísticas (em clara e problemática expansão estas) não observadas neste trabalho – a inter-relação cresceu exponencialmente durante as últimas décadas, no plano cultural, apesar de um incipiente relançamento – a partir, *grosso modo*, de 2014 – o percorrido, qualitativa e quantitativamente considerado, tem sido menor, em função dos obstáculos acima sumariamente identificados. O horizonte de possibilidades é, no entanto, culturalmente amplo e, penso, aliciante.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABASCAL, Juan Manuel & CEBRIÁN, Rosario (eds.) (2009). *Los Viajes de José Cornide por España y Portugal de 1754 a 1801*. Madrid: Real Academia de la Historia.
- AICEP (2019). Mercados. Informação global. Galiza — Ficha de Mercado. Consultado em <http://www.portugalglobal.pt/PT/Biblioteca/LivrariaDigital/GalizaFichaMercado.pdf>.
- ALONSO ESTRAVIZ, Isaac (2002). Relações de Teixeira de Pascoaes com escritores e intelectuais. *Portal Galego da Língua*. Consultado em http://agal-gz.org/faq/lib/exe/fetch.php?media=contributos-pgl:relacoes_de-teixeira_de-pascoaes.pdf.
- ALONSO MONTERO, Xesús (1970). *Constitución del gallego en lengua literaria*. Lugo: Ed. Celta.
- ALONSO MONTERO, Xesús (1972). A poesía miliante de Celso Emilio Ferreiro. In Celso Emilio Ferreiro, *Autoescolha poética* (pp. 13-26). Porto: Razão Actual.
- ALONSO MONTERO, Xesús (1974). *Encuesta mundial sobre la lengua y la cultura gallegas y otras áreas conflictivas: Cataluña, Puerto Rico...* Madrid: Akal.
- ANDERSON, Benedict (1983). *Imagined communities. Reflections on the origin and spread of nationalism*. London: Verso.
- ARAGUAS, Vicente (1991). *Voces ceibes*. Vigo: Xerais.
- ARMESTO, Victoria (1973). *Verbas galegas*. [Vigo]: Galaxia.
- ASOCIACIÓN SÓCIO-PEDAGÓGICA GALEGA [AS-PG] (1980). *Orientacións para a escrita do noso idioma*. [Santiago de Compostela: Xistral].

- ASSOCIAÇÃO GALEGA DA LÍNGUA [AGAL] (2017). *Ortografia galega moderna: confluente com o português no mundo*. Santiago de Compostela: Através Editora.
- ASSOCIAÇÃO GALEGA DA LÍNGUA [AGAL], Comissom Lingüística (1983). *Estudo crítico das Normas ortográficas e morfológicas do idioma galego*. Corunha: AGAL.
- ASSOCIAÇÃO GALEGA DA LÍNGUA [AGAL], Comissom Lingüística (1985). *Prontuário ortográfico galego*. [Corunha]: AGAL.
- ASSOCIAÇÃO GALEGA DA LÍNGUA [AGAL], Comissom Lingüística (2010). *Atualização da normativa ortográfica da Comissom Lingüística da AGAL conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990*. [Santiago de Compostela: AGAL].
- BALBÍN DE UNQUERA, Antonio (1881). El portugués y el gallego. *La Ilustración Gallega y Asturiana*, 25/08/1881, 315-316.
- BALTRUSCH, Burghard (2009). A Galiza e a Lusofonia. Os Estudos Portugueses na Universidade de Vigo. In Ana Gabriela Macedo & Maria Eduarda Keating (orgs.), *IX Colóquio de Outono. Censura e inter-dito/Censorship and inter-diction* (pp. 253-269). Braga: Centro de Estudos Humanísticos.
- BARREIRO FERNÁNDEZ, Xosé Manuel (1992). *Galicia. Historia contemporánea. Política*. Corunha: Hércules de Ediciones.
- BELLO VÁZQUEZ, Raquel (2000). Celtismo e saudade como repertórios míticos en Otero Pedrayo. In José Luís Rodríguez (ed.), *Estudos dedicados a Ricardo Carvalho Calero* (pp. 91-103), vol. 2. Santiago de Compostela: Parlamento de Galicia / Universidade de Santiago de Compostela, Servizo de Publicacións e Intercambio Científico.
- BELLO VÁZQUEZ, Raquel (2011). À força de efemérides. O estudo da produção científica sobre a Ilustração na Galiza. In Helena Rebelo (coord.), *Lusofonia. Tempo de Reciprocidades. Actas IX Congresso da Associação Internacional de Lusitanistas*, vol. II (pp. 281-290). Porto: Edições Afrontamento.
- BELLO VÁZQUEZ, Raquel (2012). Portugal como referente na Galiza do século XVIII. O caso de José Andrés Cornide. In Petar Petrov, Pedro Quintino de Sousa, Roberto L.I. Samartim e Elias J. Torres Feijó (eds.), *Avanços em Literaturas e Culturas Africanas e em Literatura e Cultura Galega* (pp. 271-288). Santiago de Compostela/ Faro: AIL/Através Editora.
- BELLO VÁZQUEZ, Raquel (2015). A existência de uma comunidade luso-galega como elemento afetivo nas visitas a Santiago de Compostela procedentes de Portugal. Primeiros resultados através de inquéritos quantitativo-qualitativos. In Elias J. Torres Feijó, Raquel Bello Vázquez,

- Roberto Samartim e Manuel Brito-Semedo (eds.). *Estudos da AIL em Teoria e Metodologia. Relacionamento nas Lusofonias II* (pp. 87-96). Santiago de Compostela/ Coimbra: AIL.
- BERAMENDI, Justo (2007). *De provincia a nación. Historia do galeguismo político*. Vigo: Xerais.
- BERAMENDI, Justo González (1982). La Galicia de Murguía. In Manuel Murguía, *Galicia* (pp. I-XLVIII). Vigo: Edicións Xerais.
- BERAMENDI, Justo González (1991). El partido galleguista y poco más. Organización e ideoloxías del nacionalismo gallego en la II República. In Justo G. Beramendi & Ramón Máiz (comps.), *Los Nacionalismos en la España de la II República* (pp. 127-170). Madrid: Siglo Veintiuno.
- BERAMENDI, Justo González (1995). A visión de Galicia na historiografía galeguista (1840-1940). *Colóquio/Letras*, 137-138, 201-205.
- BERAMENDI, Justo González & NÚÑEZ SEIXAS, Xosé Manoel (1995). O nacionalismo galego. Vigo: Edicións A Nosa Terra.
- BOURDIEU, Pierre (1991). Le champ littéraire. *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, 89, 4-46.
- BOURDIEU, Pierre (1992). *Les règles de l'art. Genèse et structure du champ littéraire*. Paris: Éditions du Seuil.
- BRAGA, Teófilo (1877). *Parnaso Portuguez Moderno*. Lisboa: Francisco Arthur da Silva (ed.).
- BRAGA, Teófilo (1886). Prólogo. In José Pérez Ballesteros (comp.), *Cancionero popular gallego* (pp. IX-XX). Madrid: Biblioteca de las Tradiciones Populares, Librería de Fernando Fé.
- CABANILLAS, Ramón (1920). *A saudade nos poetas galegos*. Corunha: Tipografía El Noroeste.
- CARBALLO CALERO, Ricardo (1971). *Sobre lingua e literatura galega*. [Vigo]: Galaxia.
- CARBALLO CALERO, Ricardo (1972). Popularismo. *Casa de Galicia-Unidad Gallega, Memoria 1971-1972*. Nova Iorque, p. 23.
- CAMPOS CALVO-SOTELO, Javier (2008). *La música popular gallega en los años de la transición política (1975-1982). Reificaciones expresivas del paradigma identitario* (Dissertação de doutoramento). Madrid: Universidade Complutense de Madrid. Consultado em <https://eprints.ucm.es/8801/>.
- CANCIO, Miguel (1991). *Enquisa sobre do movemento estudiantil galego e internacional*. Santiago de Compostela: Coordenadas.
- CARBALLO CALERO (1969). O galego que se escribe. *Casa de Galicia-Unidad Gallega, Memoria 1968-1969*. Nova Iorque.
- CARBALLO CALERO, Ricardo (1977). Murguía contra Valera. *Grial*, 55, 102-107.

- CARREIRA, Anselmo (1988). ERGA, un lume que predeu. *Cadernos A Nosa Historia*, 5, 43-47.
- CARVAJAL, Lamas (1974). *Catecismo del campesino*. Madrid: Júcar.
- CARVALHO, Joaquim de Montezuma de (1969). Coincidencia en Fernando Pessoa e Castela. *Grial*, 25, 371-373.
- CASTELAO, Daniel (1992 [1944]). *Sempre en Galiza*. Santiago de Compostela: Parlamento de Galicia, Universidade de Santiago de Compostela, Servicio de Publicacións e Intercambio Científico.
- CASTELAO, Daniel (2000). *Obras de Castela*, T. 3. Vigo: Galaxia.
- CASTELAR, Emilio (1880). Prólogo. In Rosalia de Castro, *Follas Novas. Versos en gallego* (pp. VII-XXII). Habana: La Propaganda Literaria.
- CONDE MURUAIS, Perfecto (1970). Diálogo con Paz-Andrade. *Chan: la revista de los gallegos*, 30, 14-19.
- CORDEIRO RUA, Gonçalo & RODRÍGUEZ PRADO, M^a Felisa (2002). Sistema literario galego e mundo lusófono primeira metade de setenta (1969-1974). Portugal para quê?. In Regina Zilberman (org.). *Atas do VII Congreso da Asociación Internacional de Lusitanistas. Brown University-Providence, Rhode Island, Estados Unidos, 1-7 de julho de 2002* [CD-Rom] (pp. 172-198). [s.l.]: Associação Internacional de Lusitanistas. Consultado em <https://lusitanistasail.press/index.php/ailpress/catalog/book/25>.
- CORNIDE Y SAAVEDRA, José Andrés (1893-1897). *Estado de Portugal en el año de 1800*. Madrid: [Real Academia de la Historia].
- CORTÓN, Xohan Vicente Viqueira (1974). *Da Galicia de mañá*. [s. l.]: Galaxia.
- DASILVA, Xosé Manuel (2008). *Babel ibérico. Antología de textos críticos sobre a literatura española traducida em Portugal*. Vigo: Servizo de Publicacións da Universidade de Vigo.
- DIAS, Eduardo Mayone (1996). Iberismo político e iberismo cultural (Relações entre Portugal e Espanha desde a segunda metade do século XIX). In Ramón Lorenzo & Rosario Álvarez (eds.), *Homenaxe á profesora Pilar Vázquez Cuesta* (pp. 773-782). Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela.
- DIESTE, Rafael (1981 [1927]). Moxenas. In Rafael Dieste, *Ante a terra e o ceo. Prosas da mocidade (1925-1927)* (pp. 45-46). Sada: Edición do Castro.
- DIESTE, Rafael & OTERO ESPASANDÍN, Xosé (2006 [1927]). Coincidencias. In María Cuquejo Enriquez (ed.) & Xosé Gregorio Ferreiro Fente (col.), *Otero Espasandín. Obra galega* (pp. 103-105). [s.l.]: Centro Ramón Piñeiro para a Investigación en Humanidades.

- DURÁN, Carlos, BARRO, María Teresa, TOUBES, Xabier, FERNÁNDEZ-GASALLA, Manuel & PÉREZ BARREIRO-NOLLA, Fernando (1971). Plan pedagógico galego. *Grial*, 32, 202-210.
- DURÁN, José Antonio (1974). *Crónicas*, 1. Madrid: Akal.
- EIJO BARRIO, Mario (1988). *Cineclubismo e cine non comercial en Santiago nos anos 60 e 70*. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela.
- EQUIPO GLIFO (1998). *Diccionario de termos literários*, Vol. II (e-h). [Santiago de Compostela]: Xunta de Galicia, Centro Ramón Piñeiro para a Investigación en Humanidades.
- ESPÓSITO, Roberto (1998). *Communitas. Origine e destino della comunità*. Torino: Giulio Einaudi editore.
- ESTÉVEZ, Xoan Manuel (2000). Seiva nova para un país vello (1975-1989). In X.M Estévez & Óscar Losada, *Crónica do folk galego. 25 anos de historia* (pp. 9-17). Lugo: TrisTram.
- EVEN-ZOHAR, Itamar (1990). Polysystem Theory. *Poetics Today*, 11:1, 27-96.
- EVEN-ZOHAR, Itamar (2005). *Papers in Culture Research*. Consultado em <http://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.477.787&rep=rep1&type=pdf>.
- FARO DE VIGO. DIARIO DECANO DE GALICIA, Vicedecano de la Prensa Nacional. Manuel Santaella (dir.) [1 de abril a 26 de julho de 1974].
- FEIJÓO, Benito Gerónimo (1726). Paralelo de las lenguas. In Benito Gerónimo Feijóo, *Theatro Crítico Universal, o Discursos varios, en todo género de matérias, para desengano de errores comunes*, vol. I, discurso XV (pp. 309-325). Madrid: Imprenta de Lorenzo Francisco Mojadas.
- FERNÁNDEZ CARBALLIDO, Xurxo (2013). A situación actual do ensino da língua portuguesa na Galiza. *Diacrítica*, 27-1, 277-286.
- FERNÁNDEZ CARBALLIDO, Xurxo (2019). *O ensino da língua portuguesa na Galiza*. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela, Facultade de Filología (Tese de Doutoramento, inédita).
- FERNÁNDEZ DEL RIEGO, Francisco (1971). *Historia da literatura galega*, 2. ed. [Vigo]: Galaxia.
- FERNÁNDEZ DEL RIEGO, Francisco (1974). *Letras do noso tempo*. [Vigo]: Galaxia.
- FERNÁNDEZ DEL RIEGO, Francisco (2003). *Sinais dunha cultura*. Pontevedra: Deputación de Pontevedra.
- FERNÁNDEZ REI, Francisco (1988). Nacionalismo e dignificación da lingua galega no período 1972-1980. *A trabe de ouro*, 1, 43-71.

- FERNÁNDEZ REI, Francisco (1995). A «questione della lingua» galega. In Henrique Monteagudo (ed.) (1995). *Estudios de sociolingüística galega sobre a norma do galego culto* (pp. 177-195). Vigo: Galaxia.
- FERNÁNDEZ SOUTO, Ana Belén & VÁZQUEZ GESTAL, Montse (2011). Public relations strategies applied to the implementation of a 'contry-brand' in the Galicia-north Portugal Euro-region. *The Portuguese journal of social science*, vol. 10 (2). Consultado em <http://pjss.iscte-iul.pt/index.php/pjss/article/view/21>.
- FERNÁNDEZ TEIXEIRO, Manuel María (1973). Prólogo. In Antonio García Hermida, *Charetas* (pp. 9-21). Vigo: Edicións Castrelos.
- FERREIRO, Manuel (1991). *Pondal: do dandysmo á loucura (biografía e correspondência)*. Santiago de Compostela: Laiovento.
- FERRÍN, X. L. Méndez (1969). Orixes da poesía galega do século XX: o Formalismo. *Grial*, 26, 406-412.
- FIGUEROA, Juan Bautista Armada y Losada (Marqués de) (1889). *De la poesía gallega: discurso leído en el Ateneo de Madrid el día II de febrero de 1889*. Madrid: Imp. M. Tello.
- FILGUEIRA VALVERDE, Xosé (1973). *Da épica na Galicia medieval. Discurso de ingreso de Xosé Filgueira Valverde na Real Academia Gallega; e resposta de Ramón Otero Pedrayo*. Vigo: Real Academia Gallega.
- FLITTER, Derek (2000). Icons and imperatives in the construction of Galician identity: the "Xeración Nós". *Forum for Modern Language Studies*, XXXVI(3), 296-309.
- FREIXEIRO MATO, Xosé Ramón (2009). *Lingua de calidade: vinte reflexións e unha proposta esperanzada para un galego con futuro*. Vigo: Edicións Xerais de Galicia.
- FREIXEIRO MATO, Xosé Ramón (2014). Lingua oral, calidade da lingua e futuro do Galego. In Xosé Manuel Sánchez Rei (ed.), *Modelos de lingua e compromiso* (pp. 13-84). Corunha: Baia.
- GARCÍA VILLAR, Benedicto (1998). Crónica da canción galega (1965-1975). In Carlos Villanueva (coord.), *O feito diferencial galego. II Música*, vol. 1 (pp. 253-276). Compostela: Museo do Pobo Galego.
- GARCÍA, Constantino (1971). Orixen e problemas do método de galego. *Grial*, 32, 129-141.
- GARCÍA, Constantino (1974). A lingua galega hoxe. A súa situación no ensino. *Grial*, 44, 148-156.
- GONZÁLEZ LÓPEZ, Emilio (1969). Blasón da língoa galega. *A Nosa Terra*, 511, maio-xuño 1969, [contracapa].

- GONZÁLEZ LUCINI, Fernando (1998). *Crónica cantada de los silencios rotos. Voces y canciones de autor (1963-1997)*. Madrid: Alianza Editorial.
- GONZÁLEZ SEOANE, Ernesto (1996). O debate sobre a independencia do galego na última década do século XIX. In Ramón Lorenzo & Rosario Álvarez (coords.), *Homenaxe á Profesora Pilar Vázquez Cuesta* (pp. 121-132). Santiago de Compostela: Universidade, Servicio de Publicacións e Intercambio Científico.
- GRIYGIERZEC, Wiktoria & FERRO RUIBAL, Xesús (2009). Estereotipos na fraseoloxía: o caso galego-portugués. *Cadernos de Fraseoloxía Galega*, 11, 94-105.
- HANNEMAN, R. A. & RIDDLE, M. (2005). *Introduction to social network methods*. Riverside, CA: University of California, Riverside.
- HARRINGTON, Thomas S. (2001). Risco y Portugal: contactos anteriores a la teoría de nacionalismo galego y la revista Nós. *Revista de linguas y literaturas catalana, gallega y vasca*, 7, 247-262.
- HERMIDA GULÍAS, Carme (1987). Leite de Vasconcelos e o Galego. Notas sobre un artigo esquecido. *Verba*, 14, 489-496.
- HERMIDA GULÍAS, Carme (1996). Galego e Portugués durante o século XIX (1840-1891). In Ramón Lorenzo & Rosario Álvarez (coords.), *Homenaxe á Profesora Pilar Vázquez Cuesta* (pp. 107-120). Santiago de Compostela: Universidade, Servicio de Publicacións e Intercambio Científico.
- HOBBSBAWM, Eric (1996). *The age of revolution 1789-1848*. New York: Vintage Books.
- IGE. INSTITUTO GALEGO DE ESTATÍSTICA (2019). *Enquisa estrutural a fogares. Coñecemento e uso do galego. Resumo de resultados 27/09/2019*. Consultado em https://www.ige.eu/estatico/estatRM.jsp?c=0206004&ruta=html/gl/OperacionsEstruturais/Resumo_resultados_EEF_Galego.html.
- IGLESIA, Antonio de la (1886). *El Idioma gallego: su antigüedad y vida*. Corunha: Latorre y Martínez.
- LAMBERT, J. (1986). Les Relations littéraires internationales comme problème de réception. *Oeuvres et Critiques*, 11:2, 173-189.
- LANDEIRA YRAGO, X. (1972). Camões 72. Proba de ensaio sen aleluias. *Grial*, 35, 1-12.
- LAPA, Manuel Rodrigues (1973). A recuperación literaria do galego. *Colóquio/Letras*, 13, 5-14.
- LAPA, Manuel Rodrigues (1974). Duas actitudes face ao problema do galego. *Vértice*, 367-368, 580-583.
- LAPA, Manuel Rodrigues (1983). A reintegración lingüística galego-portuguesa - Um drama que afecta a todos nós. *Nova Renascença*, 12, 321-329.
- LINHEIRA, Jorge (2017). *La cultura como reserva india. Treinta y seis años de políticas culturales en Galicia*. Jaen: Libros.com.

- LOIS, Rubén Camilo, ESCUDERO GÓMEZ, Luis & GUSMÃO, Inês (2019). El debate actual sobre la(s) frontera(s) aplicado al caso ibérico: elementos de des-fronterización y re-fronterización entre España y Portugal en el siglo xxi. *Revista de historiografía*, 30, 157-180.
- LÓPEZ FERNÁNDEZ, Teresa (1991). *Névoas de Antano. Ecos dos Cancioneiros galego-portugueses no século XIX*. Santiago de Compostela: Edicións Laiovento.
- LÓPEZ MORAIS, Anselmo (1965). Castelar y el regionalismo gallego (Cartas inéditas en torno a la polémica Castelar-Murguía). *La Estafeta Literaria*, 320-321, 82-83.
- LOSADA, Basilio (1971). O xornaleiro e sete testemuñas máis. *Casa de Galicia- Unidada Gallega, Memoria 1970-1971*. Nova Iorque, 1971, p. 66.
- LOURIDO, Isaac (2019). O espaço literário ibérico na última década. Hipóteses para o estudo das fronteiras e das relações entre sistemas. In Cristina Martínez Tejero & Santiago Pérez Isasi (eds.), *Perspetivas críticas sobre os estudos ibéricos* (pp. 203-221). Veneza: Edizioni Ca' Foscari. DOI: <http://doi.org/10.30687/978-88-6969-323-6>.
- LUIS, Rita Ferreira Santos (2009). *La reacción española ante la revolución portuguesa a través de la prensa. El tratamiento de los principales diarios (1974-1976)*. Barcelona: Departament de Comunicació, Universitat Pompeu Fabra.
- MAÍZ VÁZQUEZ, Bernardo (1988). *Galicia na República e baixo o franquismo: 1930-1976*. Vigo: Xerais.
- MAÍZ, Ramón (1984). *O rexionalismo galego: organización e ideoloxía (1886-1907)*. Corunha: Edicións do Castro.
- MARAVALL, José María (1978). *Dictadura y disenso político: obreros y estudiantes bajo el franquismo*. Madrid: Alfaguara.
- MARCO, Aurora (1996). Exemplificação das relações culturais entre Galiza e Portugal. *Agália*, 46, 197-209.
- MARQUES, Maria Alegria et al (1997). *Correspondência de Rodrigues Lapa. Selecções (1929-1985)*. Coimbra: Minerva.
- MARTÍN DUQUE, Clara & MORÈRE-MOLINERO, Nuria (2019). La evaluación de la capacidad de carga perceptual en el Camino de Santiago Francés: una aproximación cuantitativa. *Boletín de la Asociación de Geógrafos Españoles*, 82, 2682, 1-33. DOI: <http://dx.doi.org/10.21138/bage.2682>.
- MARTÍNEZ TEJERO, Cristina (2008). *Bases para o estudo dum sistema cultural emergente e a imprensa: o caso do Faro de Vigo e o Sistema Cultural Galego em 1970* (Trabalho de Investigação Tutelado realizado sob a orientação

- do Professor Doutor Elias J. Torres Feijó). Santiago de Compostela, Universidade de Santiago de Compostela.
- MARTÍNEZ-BARBEITO, Carlos (1956). Don Jose Cornide y su “Catálogo de Palabras Gallegas”. *Boletín de la Real Academia Gallega*, t. 27, n. 309-320, 291-349.
- MATO MATO, Xesús (1991). Fuxan os Ventos no rexurdir musical, cultural e autonómico de Galicia. Loitas dentro e fora. *Lucensia*, 3, 129-137.
- MEDEIROS, António F. G (2003). Discurso Nacionalista e Imagens de Portugal na Galiza. *Etnográfica: revista do Centro de Estudos de Antropologia Social*, VII (2), 321-349.
- MERA SÁNCHEZ, Manuel *et alii* (1997). *ERGA: un lume que prendeu (1972-1997)*. Santiago de Compostela: CAF.
- MONTEAGUDO, Henrique (2011). *O idioma galego na sociedade. A evolución sociolingüística 1992-2008*. Santiago de Compostela: Consello da Cultura Galega.
- MONTEAGUDO, Henrique (ed.) (2012). Galego, portugués e brasileiro no tempo: achegas para unha diacronía comparada. In Xoán Carlos Lagares & Henrique Monteagudo (org.). *Galego e Portugués Brasileiro: história, variação e mudança* (pp. 37-104). Niterói: Editora da UFF-USC.
- MONTEAGUDO, Henrique (ed.) (1995). *Estudios de sociolingüística galega sobre a norma do galego culto*. Vigo: Galaxia.
- MONTERO SANTALLA, J. M. *et al* (1974). Manifesto para a supervivência da cultura galega. *Seara Nova*, 1547, 30-31.
- MONTERO SANTALLA, Xosé-Martiño (1979). *Directrices para a reintegración lingüística galego-portuguesa*. Ferrol: Gráfer.
- MORAIS ÁLVAREZ, Carlos (1996). *Crónica de Fonseca. Unha aproximación ao movemento estudantil universitario galego na dilatada década dos setenta*. Santiago de Compostela: Laiovento.
- MOREDA, Marisa (2018). A configuración da identidade linguística galego-(portuguesa). Análise da série de ficção *Vidago Palace*. In Fernando Groba & Pedro Dono (orgs), *Galegos no Minho. 20 anos do Centro de Estudos Galegos* (pp. 197-215). Braga: Centro de Estudos Galegos/ Universidade do Minho.
- MORENO, Maria Victoria (1972). *Los novísimos de la poesía gallega/Os novísimos da poesía galega*. Madrid: Akal.
- MOURE-MARIÑO, Luis (1971). *Sempre matinando*. [Vigo]: Galaxia.
- MURGUÍA, Manuel (1865). *Historia de Galicia*, vol. 1. Lugo: Imprenta Soto Freire.

- MURGUÍA, Manuel (1888). *Galicia. Sus monumentos y artes – su naturaleza e historia*. Barcelona: Editorial de Daniel Cortezo y C^a.
- MURGUÍA, Manuel (1889). *El Regionalismo gallego. Ligeras observaciones por Manuel Murguía al discurso leído por el señor D. Antonio Sánchez Moguel en su recepción en la Real Academia de la Historia de Madrid, el 8 de diciembre de 1888*. Habana: Imp. y papelería la Universal.
- MURGUÍA, Manuel (1891). Juegos Florales de Galicia celebrados por primera vez, en la ciudad de Tuy, el día 24 de junio de 1891. Discurso d'o Presidente, señor don Manuel Murguía. *La Patria Gallega*, 7-8, 15/07/1891.
- MURGUÍA, Manuel (1974). *Política y Sociedad en Galicia*. Madrid: Akal editor.
- MURGUÍA, Manuel (1995). *Los Precursores. [El arte en Santiago durante el siglo XVIII y noticia de los artistas que florecieron en dicha ciudad y centuria]*. A Coruña: Edinosa.
- NEVES, Marco (2019). *O galego e o português são a mesma língua? Perguntas portuguesas sobre o galego*. Santiago de Compostela: Através Editora.
- NÚÑEZ SEIXAS, Manuel (1992). Portugal e o galeguismo ata 1936. Algunhas consideracións históricas. *Grial*, 113, 61 -77.
- NÚÑEZ SEIXAS, Xosé M[anoel] (1993). Portugal e o Galeguismo até 1936. Algunhas Considerações Históricas. *Penélope. Revista de história e ciências sociais*, 11, 67-82.
- NÚÑEZ SEIXAS, Xosé Manuel (2018). *Suspiros de España. El nacionalismo español 1808-2018*. Barcelona: Crítica.
- OTERO ESPASANDÍN, Xosé (2006 [1927]). Artigo pra Mocidade. In María Cuquejo Enríquez (ed.), *Xosé Otero Espasandín. Obra Galega* (pp. 108-110). Santiago de Compostela: Xunta de Galicia, Centro Ramón Piñeiro para a Investigación en Humanidades.
- OTERO PEDRAYO, Ramón (1931). *Romantismo, saudade, sentimento da raza e da terra en Pastor Díaz, Rosalía de Castro e Ponda: discurso de ingreso na Academia Galega coa contestada do Académico Vicente Risco*. Santiago de Compostela: Nós.
- PAGEAUX, D-H. & MACHADO, A. M. (2002). *Da Teoria da Literatura à Literatura Comparada*. Lisboa: Presença.
- PARDO BAZÁN, Emilia (1888). *De mi Tierra*. Corunha: Tipografía de la Casa de la Misericordia. Consultado em <http://biblioteca.galiciana.gal/pt/consulta/registro.cmd?id=5991>.
- PARDO BAZÁN, Emilia (1888a). La Poesía Regional Gallega. Discurso presidencial, leído en la Velada que, para honrar la memoria de Rosalía Castro, ha celebrado el Liceo de Artesanos de la Coruña, el día 2 de

- Septiembre de 1885. In Emilia Pardo Bazán, *De mi Tierra* (pp. 1-47). Corunha: Tipografía de la Casa de la Misericordia.
- PARDO BAZÁN, Emilia (1888b). El olor de la tierra. In Emilia Pardo Bazán, *De mi Tierra* (pp 51-65). Corunha: Tipografía de la Casa de la Misericordia.
- PASCOAES, Teixeira de (1920). Fala do Sol. *Nós*, 1, 30 de outubro.
- PAZOS-JUSTO, Carlos (2011). A imagem da Galiza e dos galegos em Portugal entre fins do século XIX e primeiras décadas do XX: do imagotipo *negativo* ao imagotipo *de afinidade*. *Veredas*, 16, 39-69.
- PAZOS-JUSTO, Carlos (2014). Imagen de España y los españoles en Portugal: reflexiones para el ámbito ELE. In Eduardo Tobar & María Estefanía Mañas (coords.), *El español como lengua extranjera en Portugal: retos de la enseñanza de lenguas cercanas* (pp. 14-27). [S.L.]: Ministerio de Educación, Cultura y Deporte. Consultado em https://sede.educacion.gob.es/publiventa/descarga.action?f_codigo_agc=16883.
- PAZOS-JUSTO, Carlos, DEL RÍO, Marisa & SAMARTIM, Roberto (2018). *Reinventio* e unanimidade. Impacto das políticas culturais e turísticas na Comunidade local de Santiago de Compostela. *SÉMATA, Ciencias Sociais e Humanidades*, 30, 233-256.
- PAZOS-JUSTO, Carlos (2016). *A imagem da Galiza em Portugal. De João de Redondella a Os Galegos são nossos irmãos*. Santiago de Compostela: Através Editora.
- PIÑEIRO, Ramón (1972). Carta de Compostela, A expansión crecente da lingua galega. *Colóquio/Letras*, 8, 75-77.
- PIÑEIRO, Ramón (1973). Carta a Don Manuel Rodrigues Lapa. *Grial*, 42, 389-402.
- PONDAL, Eduardo (1971). *Novos poemas*. [s. l.]: Galaxia.
- RAG (2003). *Normas ortográficas e morfolóxicas do idioma galego*. Vigo: RAG/ILG.
- RAG/ILG (1982). *Normas ortográficas e morfolóxicas do idioma galego*. Corunha: RAG.
- REIS, Carlos (2005). Espanha e Portugal: labirinto de labirintos. In Tobias Brandenberger & Henry Thorau (eds.), *Portugal und Spanien: Probleme (k)einer Beziehung/Portugal e Espanha: Encontros e Desencontros* (pp. 175-190). Frankfurt am Main: Peter Lang.
- RELACIÓN DE LOS MÉRITOS Y SERVICIOS DE D. JOSÉ CORNIDE DE SAAVEDRA Y FOLGUEIRA, señor de Maariz, Saá, Amoeyro y Cebreyro, regidor honorario y capitán de milicias urbanas de la ciudad y plaza de La Coruña, y regidor perpetuo de Santiago. In Juan Manuel Abascal & Rosario Cebrián (eds.) (2009).

- Los Viajes de José Cornide por España y Portugal de 1754 a 1801* (pp. 46-48). Madrid: Real Academia de la Historia.
- RICÓN, Amado (ed.) (1971). *Eduardo Pondal. Novos Poemas*. Vigo: Galaxia.
- RISCO, Vicente (1920). Primeiras verbas [Editorial]. *Nós*, 1, 1-2.
- RISCO, Vicente (1920). *Teoría do nacionalismo galego*. Ourense: [Imp. de La Región].
- RODRÍGUEZ BAIXERAS, Xavier (1969). Carta sobre da unificación linguística. *Grial*, 26, 495-497.
- RODRÍGUEZ FERNÁNDEZ, Elías (2018). *Análise e balanço do quadro legislativo para o relacionamento intercomunitário: o caso da Lei Paz-Andrade*. Corunha: Universidade da Corunha, Faculdade de Filologia (Trabalho Fim de Grau, inédito). Consultado em <https://ruc.udc.es/dspace/handle/2183/21774>.
- RODRÍGUEZ PRADO, M^a Felisa (2004). Inovações repertoriais no campo cultural galeguista na década de 70 e as transferências do mundo luso-afro-brasileiro. In [Atas do] VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais. *A questão social no novo milénio*. Consultado em https://www.ces.uc.pt/lab2004/inscricao/pdfs/painel53/Felisa_Rodriguez_Prado.pdf.
- RODRÍGUEZ PRADO, M^a Felisa (2014). Textos ficcionais e práticas culturais de portugueses com relação a Santiago de Compostela: contrastes e homologias. In Elías J. Torres Feijó, Raquel Bello Vázquez, Roberto Samartim e Manuel Brito-Semedo (eds.). *Estudos da AIL em Teoria e Metodologia. Relacionamento nas Lusofonias I* (pp. 143-157). Santiago de Compostela/ Coimbra: AIL.
- RODRÍGUEZ, Francisco (1970). Carácter da Literatura Galega: O exemplo da obra de Rosalía. *Grial*, 30, 455-462.
- RODRÍGUEZ, Francisco (1976). *Conflicto lingüístico e ideoloxía en Galicia*. Pontevedra: Xistral.
- RODRÍGUEZ, Josep A. (2005). *Análisis estructural y de Redes. Cuadernos Metodológicos*, 16. Madrid: Centro de Investigaciones Sociológicas.
- ROJO, Guillermo (1969). O primeiro paso pra unha verdadeira cultura galega. *Grial*, 26, 490-493.
- SALINAS PORTUGAL, Francisco (2009). Os Estudos de Português na Universidade da Corunha. In Ana Gabriela Macedo & Maria Eduarda Keating (orgs.), *IX Colóquio de Outono. Censura e inter-dito/Censorship and inter-diction* (pp. 271-274). Braga: Centro de Estudos Humanísticos.
- SALVADOR, José A. (1999). *José Afonso. O rosto da utopia*. Porto: Afrontamento.

- SAMARTIM, Roberto (2012). A Construção do Conhecimento pela Historiografia Literária dum Sistema Deficitário (o caso galego para 1974-1978). *Veredas*, 16, 177-210.
- SAMARTIM, Roberto (2014). O 25 de abril na Galiza dos anos setenta: impactos e consequências. *Revista Diacrítica*, 28(2), 15-32.
- SAMARTIM, Roberto (2016). Tecnologia para os estudos na cultura. Caminhos e ferramentas para a catalogação, a análise léxico-semântica e o mapeamento de materiais. In Ana Gabriela Macedo, Carlos Sousa & Vítor Moura (org.) *XII Colóquio de outono. Outros mapas. Linguagem, migração, diáspora* (pp. 261-275). Braga: CEHUM-UMinho.
- SAMARTIM, Roberto (2017). *Mudança política e sistemas culturais em transição. Literatura e construçom da (ideia da) Galiza entre 1974 e 1978*. Santiago de Compostela: Edicións Laiovento.
- SAMARTIM, Roberto (2018a). O Dia das Letras no Sistema Literário Galego. O caminho para o reconhecimento da autoridade da Academia. In Elias J. Torres Feijó & Roberto Samartim (eds.), *Sobre conflito linguístico e planificação cultural na Galiza contemporânea. Dez contributos* (pp. 143-153). Santiago de Compostela: Através Editora.
- SAMARTIM, Roberto (2018b). Língua somos. A construção da ideia de língua e da identidade coletiva na Galiza (pré-)constitucional. In Elias J. Torres Feijó & Roberto Samartim (eds.), *Sobre conflito linguístico e planificação cultural na Galiza contemporânea. Dez contributos* (pp. 155-165). Santiago de Compostela: Através Editora.
- SAMARTIM, Roberto & Cordeiro Rua, Gonçalo (2009). O pensamento cultural galego em referência a Portugal: posição e função de ideias e grupos no Tardofranquismo e na Transição. In *O pensamento luso-galaico-brasileiro (1850-2000)*. *Actas do I Congresso Internacional*, vol. 3 (pp. 171-196). Lisboa: Universidade Católica Portuguesa, Instituto nacional-Casa da Moeda.
- SAMARTIM, Roberto L.I. (2002). O sistema literário galego num seu ano zero contemporâneo (1977) e o mundo lusófono. A revista *Teima*. In Regina Zilberman (org.). *Atas do VII Congresso da Associação Internacional de Lusitanistas*. Brown University-Providence, Rhode Island, Estados Unidos, 1-7 de julho de 2002 [CD-Rom] (pp. 491-506). [s.l.]: Associação Internacional de Lusitanistas. Consultado em <https://lusitanistasail.press/index.php/ailpress/catalog/book/25>.
- SAMARTIM, Roberto L.I. (2004). Presença e referência portuguesas nas estratégias sócio-culturais dos grupos políticos na Galiza tardofranquista. In *[Atas do] VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais*. A

- questão social no novo milénio*. Consultado em https://www.ces.uc.pt/lab2004/pdfs/Roberto_Samartim.pdf.
- SAMARTIM, Roberto L.I. (2005). Ideia de língua e vento português na Galiza do tardofranquismo: O caso de *Galaxia*. *Agália*, 82-83, 9-50.
- SAMARTIM, Roberto L.I. (2007). Portugal em *Chan* e *Grial* como projectos culturais galeguistas: 1969-1971. In Helena González & M. Xesús Lama, *Actas do VII Congreso da Asociación Internacional de Estudos Galegos* (pp. 559-570). [s.l.]: Edicións do Castro / AIEG / Universitat de Barcelona.
- SAMARTIM, Roberto L.I. (2009). O discurso (lingüístico)-identitário e a lusofonia em *El Correo de Galicia* (1968-1975). In Carmen Villarino Pardo, Elias J. Torres Feijó, José Luís Rodríguez (eds.) & Gonçalo Cordeiro Rua, (coord.), *Da Galiza a Timor. A lusofonia em foco: Actas do VIII Congreso da Associação Internacional de Lusitanistas* (pp. 2001-2010), vol. 3. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela, Servizo de Publicacións e Intercambio Científico.
- SAMARTIM, Roberto L.I. (2010). *O Processo de Construção do Sistema Literário Galego entre o Franquismo e a Transição (1974-1978): Margens, relações, estrutura e estratégias de planificação cultural* (Dissertação de doutoramento acessível em https://minerva.usc.es/xmlui/bitstream/handle/10347/2858/9788498874549_content.pdf?sequence=1). Universidade de Santiago de Compostela, Santiago de Compostela.
- SÁNCHEZ MOGUEL, A. (1888). *Razones en que pretenden fundarse los regionalismos catalán y gallego*. Madrid: Imprenta de la Viuda de Hernando y Cía.
- SÁNCHEZ MOGUEL, A. (1893). “Nota preliminar”. In José Andrés Cornide y Saavedra (1893-1897). *Estado de Portugal en el año de 1800* (pp. V-XVI). Madrid: [Real Academia de la Historia].
- SANTAMARINA, Antón (1995). Norma e estándar. In Henrique Monteagudo (ed.) (1995). *Estudios de sociolingüística galega sobre a norma do galego culto* (pp. 53-97). Vigo: Galaxia.
- SANTAMARINA, Enrique (1970). O complexo da lingua nos Grupos Étnicos Minoritarios. *Casa de Galicia. Unidad Gallega -Memoria 1969-1970*, Nova Iorque, 1970, pp. 42-43.
- SARALEGUI Y MEDINA, Leandro (1888). El regionalismo en Galicia. *Galicia. Revista regional*, 7, 290-296.
- SARMIENTO, Frei Martín (1974). Sobre el origen de la lengua gallega y sobre la paleografía española. In José Luis Pensado (ed.), *Opúsculos Lingüísticos Gallegos del Siglo XVIII* (pp. 17-47). Vigo: Galaxia.
- SOEIRO, Teresa (2016). Galiza no Porto: evocação da Semana Cultural Galega de 1935. *Portvgalia*, Nova Série, 37, 89-129.

- Sousa, João Pedro de (2000). Imagens da Galiza na imprensa portuguesa. Consultado em <http://bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-Imagens-Galiza.html>.
- Souto, Elvira (1986). Galiza na Seara Nova. *Agália*, 7, 332-337.
- Taibo, Carlos (dir.) (2007). *Nacionalismo español. Esencias, memoria e instituciones*. Madrid: Los Libros de la Catarata.
- Tarrío, Anxo (2004). Identidade literaria e referentes interliterarios. Algunhas consideracións a propósito da literatura galega. In Anxo Abuín González & Anxo Tarrío Varela (eds.), *Bases metodolóxicas para unha historia comparada das literaturas da península Ibérica* (pp. 445-459). Santiago de Compostela: Servizo de Publicacións e Intercambio Científico da Universidade de Santiago de Compostela.
- Thiesse, Anne-Marie (1999). *La Création des identités nationales. Europe, XVIII^e-XX^e siècle*. Paris: Éditions du Seuil.
- Torres Feijó, Elias (1995). *A Galiza em Portugal, Portugal na Galiza a través das revistas literarias: (1900-1936)*, 3 vols. (Dissertação de doutoramento inédita). Universidade de Santiago de Compostela: Santiago de Compostela.
- Torres Feijó, Elias J. (1997). Cultura, cultura galega e mundo lusófono em Valentin Paz-Andrade. Alguns contributos. *Agália*, 51, 297-336.
- Torres Feijó, Elias J. (1999). Cultura Portuguesa e legitimação do sistema galeguista: historiadores e filólogos (1880-1891). *Ler História*, 36, 273-318.
- Torres Feijó, Elias J. (1999a). «O fim do milénio que começámos juntos» A Galiza como material repertorial central no romance português contemporâneo, de 1991 a 1994: literatura de autognose?. *Nova Renascença*, 72/73, 291-313.
- Torres Feijó, Elias J. (2000). Norma Lingüística e (inter-)sistema cultural. O caso galego. In Juan María Carrasco González, Maria Luisa Trindade Madeira Leal & María Jesús Fernández García (eds.), *Actas del Congreso Internacional de Historia y Cultura en la Frontera - Primer Encuentro de Lusitanistas Españoles* (vol. II, pp. 967-996). Cáceres: Servicio de Publicaciones de la Universidad de Extremadura.
- Torres Feijó, Elias J. (2004). Contributos sobre o objecto de estudo e metodologia sistémica. Sistemas literários e literaturas nacionais. In Anxo Abuín González & Anxo Tarrío Varela (eds.), *Bases metodolóxicas para unha historia comparada das literaturas da península Ibérica* (pp. 423-444). Santiago de Compostela: Servizo de Publicacións e Intercambio Científico da Universidade de Santiago de Compostela.

- TORRES FEIJÓ, Elias J. (2007). O 25 de Abril e as suas imediatas consequências para e no protossistema cultural galeguista. In Helena González & M. Xesús Lama, *Actas do VII Congreso da Asociación Internacional de Estudos Galegos* (pp. 689-701). [S.L.]: Edición do Castro / AIEG / Universitat de Barcelona.
- TORRES FEIJÓ, Elias J. (2008). A mais poderosa ponte identitária: Portugal e a Saudade no nacionalismo galego. In Maria Celeste Natário, António Braz Teixeira, Afonso Rocha & Renato Epifânio (eds.), *III Colóquio Luso-Galaico sobre a Saudade em Homenagem a Dalila Pereira da Costa* (pp. 149-365). Lisboa: Céfiro.
- TORRES FEIJÓ, Elias J. (2009). A investigación do Grupo Galabra e os Estudos Lusófonos na Universidade de Santiago de Compostela. In Ana Gabriela Macedo & Maria Eduarda Keating (orgs.), *IX Colóquio de Outono. Censura e inter-dito/Censorship and inter-diction* (pp. 275-287). Braga: Centro de Estudos Humanísticos.
- TORRES FEIJÓ, Elias J. (2010). Relacionamento literário galego-português. Legitimação e expansão com Sísifo ao fundo. In Antonio Sáez Delgado & Luís Manuel Gaspar (eds.), *Suroeste. Relaciones literarias y artísticas entre España y Portugal (1890-1936) / Relações literárias e artísticas entre Portugal e Espanha (1890-1936)*, vol. 1 (pp. 163-185). Badajoz: Museo Extremeño e Iberoamericano de Arte Contemporáneo / Sociedad Estatal de Conmemoraciones Culturales.
- TORRES FEIJÓ, Elias J. (2012). Reorientação dos estudos literários para a aplicabilidade e a transferência: da feitiçaria para a medicina e os capitais em jogo. *Revista UFG*, Ano XIII (12), 154-173.
- TORRES FEIJÓ, Elias J. (2013). Conflito sócio-linguístico, identitário e de coesão social na Galiza actual: algumas consequências. In Emili Casanova & Cesáreo Calvo (eds.), *Actas del XXVI Congreso Internacional de Lingüística y Filología Románica* (pp. 371-402). Berlín: W. de Gruyter.
- TORRES FEIJÓ, Elias J. (2018). Portugal para que? Para uma interpretação do corpus identitário galego: potencial e carências no relacionamento galego-português. In Torres Feijó, Elias J. & Samartim, Roberto (2018), *Sobre conflito linguístico e planificação cultural na Galiza contemporânea. Dez contributos* (pp. 257-283). Santiago de Compostela: Através Editora.
- TORRES FEIJÓ, Elias J. & SAMARTIM, Roberto (2018). *Sobre conflito linguístico e planificação cultural na Galiza contemporânea. Dez contributos*. Santiago de Compostela: Através Editora.
- TURTÓS, Jordi & BONET, Madga (1998). *Cantautores en España*. Madrid: Celeste.

- UNIÓN DO POBO GALEGO [UPG] (1974a). Carta de UPG pra Portugal. *Galicia Emigrante*, 3, 7.
- UNIÓN DO POBO GALEGO [UPG] (1974b). Acraracións encol do problema da lingoa galega. *Rego. Documentos pró galeguismo*, 1, 12-17.
- UNIÓN DO POBO GALEGO [UPG] (1977). *Primeiro Congreso da Unión do Pobo galego (U.P.G.)*. Edicións Terra e Tempo.
- VALVERDE, José Filgueira (1973). *Da épica na Galicia medieval*. Vigo: Real Academia Galega.
- VASCONCELOS, José Leite de (1977). A Galliza. *Grial*, 56, 233-236.
- VÁZQUEZ CUESTA, Pilar (1970). La lusofilia de D.^a Emilia Pardo Bazán. In *Homenaje Universitario a Dámaso Alonso. Reunido por los estudiantes de Filología Románica. Curso 1968-1969* (pp. 143-160). Madrid: Gredos.
- VÁZQUEZ CUESTA, Pilar (1975). *A Espanha ante o "Ultimátum"*. Lisboa: Livros Horizonte.
- VÁZQUEZ CUESTA, Pilar (1991). Portugal e nós. *A Trabe de Ouro*, 6, 191-203.
- VÁZQUEZ CUESTA, Pilar (1992). O amor sen acougo de Oliveira Martins a España. *Grial*, 113, 20-60.
- VÁZQUEZ CUESTA, Pilar (1995). Portugal-Galicia, Galicia-Portugal. Un diálogo asimétrico. *Colóquio/Letras*, 137/138, 5-21.
- VENÂNCIO, Fernando (2007). Afinidades. *Mana Galiza. Expresso*, 01/12/2007.
- VENÂNCIO, Fernando (2015). O pasado galego do português. *Grial*, vol. 53 (206), 89-95.
- VENTURA, António (1988). A 'Seara Nova' e a Galiza. Contribuição para o estudo das relações culturais luso-galegas. *CLIO. Revista do Centro de História da Universidade de Lisboa*, 6, 141-150.
- VEREA Y AGUIAR, José (1838). *Historia de Galicia: que comprende los orígenes y estado de los pueblos septentrionales y occidentales de la España antes de su conquista por los romanos*. Ferrol: [Imprenta de D. Nicasio Taxonera].
- VICETTO, Benito (1978). *Historia de Galicia*. Lugo: Alvarellos [reprod. facsimilar da edición de Ferrol: Nicasio Taxonera, 1865].
- VILLAR PONTE, Antonio (1916). *Nacionalismo Gallego. Nuestra afirmación regional*. Corunha: Tipografía El Noroeste.
- VILLARES, Ramón (1983). As relacións da Galiza con Portugal na época contemporánea. *Grial*, 81, 301-314.
- VILLARES, Ramón (2017). *Identidade e afectos patrios*. Vigo: Galaxia.
- VIQUEIRA CORTÓN, Xohan Vicente (1974 [1919]). *Da Galicia de mañá*. Vigo: Galaxia.
- VV.AA. (1980). *Historia e futuro da música e a canción galegas*. Corunha: Ruada.

VV.AA. (1994). *José Afonso, andarilho, poeta e cantor. Os lugares e os encontros. Exposição José Afonso*. Santiago de Compostela: AJA / USC / Fundación 10 de Marzo.

Manuscritos citados

ARQUIVO DO REINO DE GALIZA. «Correspondencia familiar y de varios amigos del Sr. José Andrés Cornide» Leg. 189, n.º 281B.

ARG. CORNIDE, JOSÉ. *Noticias sobre algunas familias, blasones y hombres célebres de Galicia*. Leg. 11, n.º 202.

BIBLIOTECA GERAL DA UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA. Cornide Correspondencia. Ms. 623.

REAL ACADEMIA DE HISTORIA. Rodríguez de Campomanes, Pedro. *Reflexiones sobre la formacion de un Onomastico dela baja é infima latinidad y su aplicación al dialecto gallego*. Madrid, 3 de agosto de 1791. 9-3921-5.

226

.....
PORTUGAL E(M) NÓS
.....

Contributos para
a compreensão do
relacionamento cultural
galego-português

Índice de conteúdos

- 5 **Portugal como trave do galeguismo? (uma introdução)**
Roberto Samartim / Carlos Pazos-Justo
- 25 **Portugal como referente na Galiza do século XVIII.**
O caso de José Andrés Cornide
Raquel Bello Vázquez
- 25 1. Antecedentes
- 26 2. Hipóteses
- 27 3. Seleção do caso e do corpus
- 29 4. Relacionamento de J. A. Cornide com Portugal: evidências
- 35 5. A defesa do Reino da Galiza: evidências
- 38 6. Discussão
- 39 7. Conclusões
- 41 **Cultura portuguesa e legitimação do sistema galeguista.**
Historiadores e filólogos (1880-1891)
Elias J. Torres Feijó
- 41 1. Propósito
- 42 2. A precariedade do sistema galeguista
- 42 2.1. Os cavalos de Tróia
- 44 3. À procura da legitimação: cultura, história e
política no movimento galeguista, um sistema sitiado
- 47 4. A origem do perigo português: Teófilo Braga vs. Emilio Castelar
(e um jovem Leite de Vasconcelos); primeiras consequências
- 53 5. Teófilo Braga, figura central no sistema galeguista.
A crítica de Pardo Bazán
- 57 6. A linha galeguista liberal impulsionadora
do reintegracionismo cultural

- 58 7. 1888-1890: Intensificação das polémicas legitimadoras,
também da reintegracionista
- 58 7.1. O debate linguístico
- 60 7.2. Galiza: entre enlace hispano-português e construto de um
sistema luso-galaico
- 64 7.3. O caso Sánchez Moguel e o reintegracionismo
de Manuel Murguía
- 73 7.4. As *presenças* de Leite de Vasconcelos
- 75 7.5. Alguns reflexos do Ultimato
- 77 7.6. A *consagração* galeguista de Oliveira Martins
- 80 8. O discurso de Manuel Murguía nos Jogos Forais de Tui (1891):
os argumentos do reintegracionismo galeguista

85 **A mais poderosa ponte identitária:
Portugal e a Saudade no nacionalismo galego**

Elias J. Torres Feijó

242

PORTUGAL E(M) NÓS

Contributos para
a compreensão do
relacionamento cultural
galego-português

103 **O pensamento cultural galego em referência a Portugal:
posição e função de ideias e grupos no Tardofranquismo
e na Transição**

Roberto Samartim / Gonçalo Cordeiro Rua

- 107 1. Grupos e agentes no SCG de 1968 a 1978
- 117 2. Ideias e publicações no SCG de 1968 a 1978

123 **Sistema literário galego e mundo lusófono
nos primeiros setenta (1969-1974):
Portugal para quê?**

Gonçalo Cordeiro Rua / Maria Felisa Rodríguez Prado

- 123 1. Quadro geral
- 124 1.1. O regime franquista
- 125 1.2. O panorama editorial
- 131 1.3. A questão da língua no protossistema literário galego
- 134 2. O mundo lusófono no protossistema literário galego
- 135 2.1. Língua
- 141 2.2. Literatura
- 149 3. Dimensões a considerar

153 **Inovações repertoriais no campo cultural galeguista na década de 70 e as transferências do mundo luso-afro-brasileiro**

Maria Felisa Rodríguez Prado

- 153 1. Propósito
- 153 2. Contextualização
- 155 3. O papel da Universidade compostelana
- 160 4. O campo musical e a *Nova Canción Galega*
- 171 5. Conclusões

173 **O 25 de abril na Galiza dos anos setenta: impactos e consequências**

Roberto Samartim

- 174 1. O estado de campo na Galiza: grupos e posições
- 175 1.1. O 25 de abril na resiliência
- 179 1.2. O 25 de abril na resistência
- 183 2. O impacto do 25 de abril através da imprensa (*Faro de Vigo*)
- 187 3. Síntese conclusiva

189 **Confluências e ruídos. Contributos para o entendimento das relações culturais galego-portuguesas na atualidade**

Carlos Pazos-Justo

- 189 1. Introdução
- 190 2. Linhas de força do relacionamento cultural galego-português
- 192 3. O relacionamento cultural galego-português hoje
- 196 3.1. Galiza-Portugal vs. Galiza-Norte de Portugal
- 198 3.2. O ruído
- 198 3.2.1. O ruído institucional
- 202 3.2.2. O ruído identitário
- 205 4. Síntese conclusiva

209 **Referências Bibliográficas**

227 **Índices**

227 Índice de instituições, organizações e eventos

231 Índice conceitual

235 Índice onomástico

241 Índice de conteúdos

245 **Notas bio-bibliográficas**

244

.....
PORTUGAL E(M) NÓS
.....

Contributos para
a compreensão do
relacionamento cultural
galego-português

PORTUGAL E(M) NÓS

Contributos para a compreensão do relacionamento cultural galego-português

Edição: Roberto Samartim | Carlos Pazos-Justo

© EDIÇÕES HÚMUS, 2019

End. Postal: Apartado 7081 – 4764-908 Ribeirão – V.N. Famalicão

Tel. 926 375 305

E-mail: humus@humus.com.pt

Impressão: Papelmunde – V.N. Famalicão

1.ª edição: Dezembro de 2019

Depósito legal: 465596/19

ISBN 978-989-755-452-0

Roberto Samartim é professor no Departamento de Letras da Universidade da Corunha (UdC). Integra o Grupo de Estudos Territoriais da UdC e a Rede Galabra (grupos na USC e na UMinho). Estuda o funcionamento dos campos culturais e os processos políticos e ideológicos com eles relacionados. Entre outras responsabilidades, foi diretor da *Agália. Revista de Estudos na Cultura* (2010-2017), vice-decano da Faculdade de Filologia da UdC (2011-2013), Secretário Geral da Associação Internacional de Lusitanistas (2011-2014) e editor da www.plataforma9.com (2014-2018) [+ info: <https://redegalabra.org/membro/robertosamartim/>].

Carlos Pazos-Justo é professor do Departamento de Estudos Românicos da Universidade do Minho e investigador do grupo Galabra-UMinho do Centro de Estudos Humanísticos da mesma universidade. A sua investigação tem-se centrado nos estudos da cultura e da literatura. É Vice-Presidente do Instituto de Letras e Ciências Humanas, Coordenador do Centro de Estudos Galegos da UMinho e membro da Comissão Executiva da Associação Portuguesa de Professores de Espanhol Língua Estrangeira [+ info: <https://redegalabra.org/membro/carlospazos/>].